

Setúbal na Rede: o caso de um projecto pioneiro

Pedro Brinca*

Nem sempre as grandes ideias nascem dos grandes pensadores. Nem sempre as boas ideias são as grandes ideias. Em finais de 1997, dava ainda o jornalismo digital os primeiros tímidos passos no mundo. O *Jornal de Notícias* era já uma referência nacional por permitir aos poucos que dispunham de Internet ler, antes de dormir, as novidades da manhã seguinte. Mas é da cabeça de uma criança de cinco anos que nasce o primeiro jornal português exclusivamente digital.

Uma ideia tão simples quanto inocente. Conhecedora, tanto quanto possível naquela idade, das etapas na vida das notícias, perguntou “porque não se colocam na Internet para toda a gente ler?”. Quinze dias depois nascia o *Setúbal na Rede*, humilde nas suas pretensões, feito com o material lá de casa, mas já arrojado na sua postura. No momento em que surgiu, disponibilizava entrevistas com o presidente da Câmara de Setúbal, com o governador civil e com o bispo D. Manuel Martins, além de uma mensagem do então secretário de Estado da Comunicação Social, Alberto Arons de Carvalho.

Não houve de imediato a noção do pioneirismo, nem uma preocupação empresarial. Era a vontade de fazer coisas que imperava. Fazer bem feito, com qualidade e dignidade. Com arrojo e ambição. O impacto foi maior do que se esperava, a adesão das instituições regionais quase imediata e o crescimento exponencial não iria permitir que se pensasse muito. Só mais tarde deu para arrumar ideias, confrontar este com outros projectos similares entretanto nascidos, ler alguma da teoria académica que começava a surgir.

É claro que ao longo do percurso deu para reunir um conjunto de episódios caricatos, agora divertidos, mas que evidenciavam obstáculos no caminho de um projecto pioneiro. O *Setúbal na Rede* foi o primeiro órgão digital a registar-se no Instituto de Comunicação Social, espantosamente sem problemas. Obrigou a Associação de Imprensa Portuguesa a alterar os estatutos para permitir a sua inscrição como sócio,

* Director do *Setúbal na Rede* e professor de jornalismo na Escola Superior de Educação de Setúbal (director@setubalnarede.pt).

proporcionou diálogos sem nexos quando se queria falar para o gabinete de comunicação de uma autarquia e a chamada era transferida para o gabinete de informática, sabe-se lá porquê.

Ouviu-se, ao longo do tempo, que a Internet era o futuro, que os miúdos gostavam muito, que agora só faltava criar uma edição em papel. Mas as potencialidades do meio digital foram sentidas desde o início e a eficácia comprovada a cada momento. Eram as mensagens de gente do outro lado do mundo, a interactividade sempre presente, as capacidades multimédia que se foram testando a pouco e pouco. Criar uma edição em papel seria dar um passo atrás. Seria uma versão amputada. Não se descorriam as vantagens.

Havia sim, a cada passo, a noção acrescida de que não havia jornal de papel que se lhe comparasse. O arquivo permanente de notícias. Ausência de preocupações com limite de espaço. *Links* para textos anteriores. Alcance mundial. Um número médio de acessos que rapidamente suplantou todos os outros meios regionais do distrito.

O desafio permanente foi o de ultrapassar, um a um, os obstáculos que iam surgindo, enfrentando-os com entusiasmo. Apesar de um certo desânimo que pairava pela falta de compreensão de alguns, as vitórias davam o ímpeto necessário para continuar. E de projecto passou a empresa, montou-se escritório, contrataram-se pessoas e instituiu-se a marca, a referência, o respeito.

Assistiu-se ao *boom* da Internet, em que todos julgavam ter sido descoberta a árvore das patacas, e em menos de nada, ao definhar. Do discurso de futuro, passou-se ao da desilusão. Os teóricos anunciaram o fim da Net, concluíram que era um projecto falhado e que nunca iria dar dinheiro a ganhar. O *Setúbal na Rede* manteve o seu percurso, obviamente afectado, de alguma forma, por este novo sermão.

A verdade é que o *Setúbal na Rede* nasceu antes dos outros e manteve-se após o desaparecimento de muitos deles. Adaptou-se, sempre que necessário, a uma inevitável normalização. Mas manteve-se firme num conjunto de convicções, apesar da crítica generalizada alinhada com a moda, ditada pela maioria tirana.

Por exemplo, que os textos tinham que ser curtos, porque o paradigma da rapidez dos novos meios assim o impunha e o leitor não suportava estar muito tempo em frente ao monitor. No Portal do Distrito, como passou a auto-designar-se em determinada altura, os trabalhos foram sempre desenvolvidos, aproveitando essa possibilidade da Internet, e recusando-se a obrigar os leitores a comprarem o jornal de papel do dia seguinte para saber mais. O meio digital permite a actualização rápida e imediata, mas é hoje o melhor local para encontrar informação de fundo, substituindo-se às bibliotecas e às enciclopédias convencionais.

Depois, o âmbito de abrangência geográfica. Muitos defenderam que se devia publicar notícias de todo o mundo, já que esse é o seu raio de alcance. Mas ao fazer isso, tornar-se-ia igual a todos os outros. O factor de distinção passa hoje pela aposta no local. Onde já leram isso? Pensar global, agir local. A globalização começa em cada sítio por mais recôndito que este seja, e o *Setúbal na Rede* globalizou Setúbal, difundindo a sua informação pelo planeta. Sempre se assumiu como um projecto regional,

em prol do desenvolvimento do distrito onde se insere e perderia a sua identidade se ambicionasse outra coisa.

A maior teimosia. Lutar contra o inesperado conceito de jornalismo digital, repetido vezes sem conta em livros, em aulas, em palestras ou entrevistas. O jornalista digital não vive encafuado em frente a um computador. Pelo menos no *Setúbal na Rede*, o jornalista faz o seu trabalho como faria em qualquer outro meio. Investiga, pesquisa, recolhe informações, questiona, estuda os assuntos, desloca-se aos sítios onde estão os acontecimentos. E isso custa dinheiro, mas proporciona um orgulho estranho. Todas as notícias publicadas até hoje, e são largos milhares, foram de produção própria, que implicaram, pelo menos, a recolha de declarações directas de um protagonista. Estranho porque muitos jornais, dos tradicionais, não o fazem, limitando-se à transcrição, ou, quando muito, adaptação dos comunicados e *press releases*. Mas foi isso também que contribuiu para a obtenção do ‘Prémio Gazeta de Imprensa Regional’ em 1999.

A Internet é, no *Setúbal na Rede*, mais uma fonte de informação e, sobretudo, uma ferramenta de trabalho. Tal como se estivesse na rádio, na televisão ou na imprensa convencional. O que muda é o *interface* com o leitor. E a linguagem, que há-de adaptar-se a pouco e pouco às especificidades do meio, até se diferenciar das outras. Hoje, há que assumir, continua a escrever-se para digital como para papel. O futuro talvez seja, na escrita, uma simbiose entre a rádio e o jornal, complementada com todo um pensamento multimédia.

Mas isso é outro desafio. Um desafio em que o *Setúbal na Rede* também gostava de deixar a sua marca, não houvesse outras prioridades. A crise económica instalou-se. As empresas regionais continuam a não vislumbrar muito longe, sendo geridas como muitas mercearias hoje já não são. Os grandes anunciantes trabalham com agências que preferem adoptar a lei do menor esforço.

Um jornal digital é muito mais barato de fazer do que qualquer outro meio de comunicação. Essa é mais uma das vantagens. A sua tabela de publicidade tem que reflectir isso. Para a débil economia local, qualquer cêntimo é um desperdício, sobretudo quando não se encara a publicidade como um investimento. E as agências preferem trabalhar com margens de lucro grandes, obviamente. Por isso, discriminam os meios regionais e os meios digitais. Que dizer do *Setúbal na Rede*, que acumula as duas características?

Com 35 mil visitas por mês, o *Setúbal na Rede* é claramente o órgão de comunicação social do distrito de Setúbal com maior projecção. Contudo, nunca publicou um anúncio enviado por uma agência. Não sendo essencial, era uma ajuda importante ter a garantia de um *plafond* mínimo daqueles anúncios da banca, dos seguros, ou de outras marcas de referência, que só por si mantém muitos jornais locais. Mas é também necessário convencer as grandes empresas da região a envolverem-se com um projecto que é, antes de mais, um instrumento importante para o desenvolvimento do distrito. Esse é o desígnio. A missão assumida.

Daí o *Setúbal na Rede* apostar muito em serviço de âmbito público, bem para além da sua função básica de informar. Organiza debates, conferências, seminários,

eventos culturais, publica livros, apoia iniciativas, promove projectos e instituições, divulga as potencialidades da região. É um parceiro activo no desenvolvimento regional. Infelizmente, imperam as razões mesquinhas que dificultam a vida. Setúbal ainda é província. E não o é todo o país? Motivações políticas, ou melhor, partidárias, interesses de projecção pessoal, tentativas de ganhar dinheiro fácil com as ideias dos outros. Não é por acaso que este tem sido o distrito onde têm nascido, e morrido, o maior número de jornais digitais. Já houve muitos casos de abordagens comerciais a empresas que recusam colocar um anúncio porque também pretendem criar um jornal digital. Uma mentalidade estranha de quem prefere comprar o avião do que pagar o dinheiro do bilhete à companhia aérea.